

A TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho para o Seminário Teológico Batista de Teresina, setembro de 2005

INTRODUÇÃO

A questão de espiritualidade sempre me preocupou muito. Converti-me na década dos sessentas, aos 14 anos. Sempre dado à leitura, comecei a ler bastante sobre vida cristã. Naquela época havia uma revista, “Mensagem da cruz”, que me atraía muito e eu a lia com avidez. Achava certo o que ela dizia, mas não conseguia vivenciar o que ela dizia nem ver sentido daquilo na minha vida pessoal. Para descobrir como crescer espiritualmente, lia livros de Rosaly Appleby e Enéas Tognini, entre outros (como fiquei impressionado com “2Crônicas 7.14” e “São Paulo será destruída”!). Naquela ocasião eu era carioca e não me importei com a destruição de S. Paulo. Comecei a pregar como Enéas Tognini escrevia e foi um desastre. Meu primeiro pastorado durou um ano e oito meses, e foi tão ruim que um dia voltei e pedi perdão à igreja por ter sido mau pastor. Ela estava tão feliz em se ter livrado de mim que nem ligou para meu pedido de desculpas. Eu ouvia com atenção os sermões de Davi Gomes, achava-o um homem muito espiritual, que vivia aos pés de Deus, mas me afligia: eu não conseguia que aquilo sucedesse na minha vida. Eu era um fracasso, muito carnal. Cheguei a pensar em desistir do ministério.

No meu segundo pastorado, em Bauru, um colega visitou-me em casa e pediu para ver meu gabinete de estudo, onde eu tinha livros e mesa. Eu atendia na igreja, mas estudava em casa. Então ele disse: “Aqui é o lugar das grandes batalhas com Deus!”. Então as coisas começaram a fazer sentido para mim. Eu não tinha grandes batalhas com Deus. Resolvi batalhar com ele. Sobre o quê, exatamente, não sabia, mas admirava o colega, muito espiritual, e vi que precisava batalhar com Deus. E batalhava, não sei o quê, mas batalhava. No meu terceiro pastorado entendi que precisava passar horas em oração. Tirei o primeiro dia para orar por uma hora. Em quinze minutos eu havia orado tudo o que sabia e tive que repetir o que pedira. Fiquei em crise. Queria ser um pastor espiritual, mas não sabia orar uma hora e nem fazer o ar compungido, de quem está sentindo dor, que muita gente faz quando canta corinhos, que hoje chamam de “louvor”. Eu via as pessoas fazerem um ar tão compungido, ar de que está doendo, mas não sabia fazer aquele ar nem expressar que estava doendo. Eu queria ser espiritual, mas queria ser uma pessoa normal, sem efeitos especiais, sem pirotecnia religiosa.

Vi os jargões e as frases estereotipadas que se usam para se mostrar espiritualidade, mas nunca quis repeti-los, como dizer “aleluia” e “amém” em tudo, e usar termos como “o Espírito de Jesus” ou “glória”, a qualquer momento. Respeito quem os usa, mas em mim seriam falsidade e mediocridade. Sempre procurei me expressar compreensivelmente, de modo que cortei os “é”, “ah”, “ahn”, “intão”, “né”, e evito usar sinônimos repetindo a mesma frase com outras palavras, tipo “o barco de Jonas estava naufragando, adernando, submergindo, indo a pique, fazendo água” ou “Jesus ele fez”, “a Bíblia ela diz”, ou, ainda, o terrível gerundismo atual (“vamu tá oranu”). Procuo falar linearmente. Deste modo, trocar chavões seculares vazios por chavões religiosos vazios me soaria como banalidade. Eu queria ser espiritual, mas queria ser honesto comigo mesmo. Algumas pessoas não entenderam e outras ainda não entendem isto. Quero ser espiritual, mas não aceito que para tal precise ser banal ou artificial. Não aceito as camisas de força que outras pessoas querem me vestir. Entendo que ser espiritual começa por autenticidade, por se recusar a ser um clone. Se Deus nos fez diferentes e nos aceita diferentes, por que devemos ser massificados?

Fiquei em crise. O que era espiritualidade? Como eu podia ser espiritual, se não conseguia passar uma hora inteira em oração, não usava chavões de pessoas espirituais ou que os repetem como papagaios para mostrar espiritualidade, não fazia ar condoído, e na única vez em que jejeuei passei mal, porque tendo pressão baixa preciso sempre de alimento salgado, e viver só de água me desorientou? Eu era um fracasso! Como eu podia ser espiritual sem ser artificial?

1. COMEÇANDO A ACHAR A LUZ

Em Brasília uma pista me apareceu. Muitas vezes eu ficava quase uma hora vendo o incrível por do sol do Centro-Oeste. Aquilo me inspirava. Eu me sentia perto de Deus, sentia-o junto a mim. Um dia comentei com minha esposa: “Como Deus é perdulário! Pinta um quadro como artista algum poderia pintar, e depois joga-o fora, e faz outro no dia seguinte!”. Sentia a força do Salmo 19.1: “Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos”. O por do sol do Planalto Central é fantástico. É, para mim, uma pregação divina. A ida ao Parque da Cidade me inspirava, espiritualmente falando.

Em Manaus, muitas vezes sentava-me na Praia da Ponta Negra e via milhões de litros d’água passarem pelo majestoso rio Negro. Era um momento de comunhão com Deus. Era enternecedor, muito espiritual. Cada vez que fui no encontro das águas do Negro e Solimões, vivi um momento místico. Deus fizera aquilo! Ao voltar, era como se tivesse passado horas em oração.

Em S. Paulo, depois de passar alguns anos na Amazônia, desacostumado da vida na velha Sampa, debrucei-me uma noite no Viaduto do Chá sobre a Avenida 23 de Maio. Ali fiquei filosofando e teologando, com o risco de alguém me pensar um suicida. Carros indo, as lanternas vermelhas. Carros vindo, os faróis. Olhei as máquinas, os prédios, os cartazes luminosos, a pujança da cidade que não dorme, e pensei: “Como o homem é fantástico! Que capacidade! Que inteligência!”. Lembrei-me do Salmo 8.5: “Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra”. Lembrei-me que não somos um macaco melhorado, mas sim obra das mãos de Deus. Foi-me um momento muito espiritual. Eu me comovo naquela cidade, sinto-me perto de Deus.

Descobri que nestes momentos estava em oração, estava na presença de Deus, em comunhão com ele. Lembrei-me de um poema de Michel Quoist, que li na adolescência: “Se soubéssemos ouvir Deus!”. Pensamos nos raios e trovões, nos terremotos, e nos esquecemos da voz mansa e suave, que diz ao encavernado: “Que fazes aqui, Elias?”. Associei isto com uma experiência: os maiores momentos de amor de um casal nem sempre são de arroubos e de explosões, mas de gestos pequenos, suaves e ternos. Um olhar, um sorriso, mãos que se tocam, cabeças que se encostam, um cochicho, a mão passando suave no rosto. Consegui entender que quem não consegue ver e descobrir Deus nas pequenas coisas, nos momentos mais simples, terá dificuldades em vê-lo e descobri-lo em outros momentos. E quem o vê e descobre nos aspectos mínimos, nem sempre precisará dos terremotos para saber do seu amor, do seu cuidado e de como estar em comunhão com ele.

Provavelmente algum crítico já estará torcendo o nariz, pensando que estou trocando a comunhão em oração pela contemplação. Sei que os crentes são pessoas terríveis para se terçar argumentos. Principalmente porque têm um hábito todo seu: colocar na boca dos outros palavras que eles não disseram. Não sou um liberal nem um neo-ortodoxo. Sou um cristão de teologia conservadora e reformada. Francis Schaeffer conta que perguntaram, uma vez, ao teólogo Paul Tillich, se ele orava. Ele respondeu: “Não, mas eu medito”. Eu medito, mas oro. Oro formalmente. Inclusive não me esqueço de terminar com “perdoa os meus pecados, em nome de Jesus, amém”. Não proclamo minha espiritualidade, e não pretendo passar por “santo homem de Deus”. Primeiro porque não me parece atitude bíblica. Depois porque nutro desconfiança por gente que assim faz e não quero desconfiar de mim mesmo. Em 34 anos de ministério pastoral tenho visto e comprovado, à saciedade, que os piores elementos em uma igreja são tais santos. A espiritualidade marqueteira esconde uma personalidade problemática.

Tentarei partir daqui. Creio ser necessário deixar claro que não ensinarei técnicas de espiritualidade. Não lhes concederei um diploma de bacharel em santidade. Tenho muitas reservas sobre técnicas de espiritualidade. Eu era pastor em Bauru quando hospedamos a assembléia da CBESP, e Valnice Coelho foi falar de missões; hospedou-se em minha casa e me ensinou algumas dicas de espiritualidade. Uma delas era ler os chamados conceitos transferíveis, uma série de livretes, de alguém cujo nome não me lembro, pelo menos umas dez vezes, cada um. Eu queria ser

uma pessoa espiritual, mas não queria sofrer um processo de lavagem cerebral. E tinha dificuldades em pensar em espiritualidade transferível. Não se pega por osmose. Histeria pode ser facilmente transmitida em coletividade. Mas espiritualidade e santidade são questões que devem ser tratadas pessoalmente, o indivíduo e Deus.

E nesta área sou um aprendiz e não um mestre. Creio, também, que espiritualidade é questão de vida, não de técnica. Uma das técnicas dos chamados conceitos transferíveis era harmonizar respiração com espiritualidade. Expirar profundamente e longamente os pecados, inspirar lenta e profundamente a graça de Deus. Expiro, sai pecado. Inspiro, entra o poder de Deus. Evangelho e yoga não são a mesma coisa.

Aprende-se de Deus no relacionamento com ele. E espiritualidade não é cognitiva, mas sim experiencial. Se é autêntica, não pode ser copiada nem reproduzida. Deve brotar de dentro da pessoa em sua vivência com Deus. Não vou lhes ensinar porque não sou melhor do que alguém em nada. E não esperem que sairão daqui mais espirituais. Uma vez, um aluno meu de Homilética me perguntou: “Vou daqui do seminário pregando como o senhor prega?”. Disse-lhe que esperava que não. Que, no mínimo, fizesse dez por cento melhor, porque se fosse para ser igual a mim, o reino de Deus estaria mal. Não sairão daqui como eu. Queira Deus, em sua graça, que saiam bem melhores.

Assim sendo, vamos começar nosso assunto definindo, inicialmente, o que espiritualidade não é.

2. O QUE ESPIRITUALIDADE NÃO É

Fomos muito marcados pelo movimento de espiritualidade dos anos sessentas, que gerou a renovação espiritual. Associamos espiritualidade com uma experiência que nos tornará alguém superior aos demais, e isto a tal ponto que teremos que sair de nossas igrejas. Este movimento manifesta uma patologia emocional enorme. Basta os nomes que algumas igrejas se deram: Renovada, do Deus Vivo e Poderoso, do Deus que Fala Hoje, Avivada, Igreja da Oração Poderosa, Restaurada, etc. Seus nomes mostram sua atitude: temos alguma coisa que os demais não têm. Faço muitas vezes o trajeto de Campinas a S. Paulo. Vou ouvindo hinos ou música clássica. Volto, com sono, ouvindo programas evangélicos. São mais de 30, em três canais de rádio. Eles me irritam ou me fazem rir tanto que o sono vai embora. É um tal de “derramar fogo”, toda noite, em tanto lugar, que o livro de Enéas Tognini se cumprirá: S. Paulo será destruída. Por um gigantesco incêndio. Um narcisismo espiritual, uma arrogância mística que preocupa. São pessoas que manifestam patologias, dirigindo outras pessoas em nome de Deus! Será que ser espiritual é ser dono de Deus, é olhar de cima para baixo para os demais? Ser santo é sinônimo de pedantismo espiritual?

Há alguns equívocos na área de espiritualidade e embora não seja eu a última palavra no assunto, creio que seria boa medida começarmos com a desmitificação de alguns conceitos correntes entre nós.

- (1) Espiritualidade não é propriedade de denominação alguma nem é algo que sucede apenas em determinada liturgia. Não está ligada a uma interpretação particular de algum evento nem pode se associar com um estilo de culto. O volume elevado de decibéis não prova espiritualidade. Um irmão de outra igreja, disse-me, certa ocasião, que sua ex-igreja parecia lata vazia: onde se batesse faria barulho. Era uma barulhada danada, mas conteúdo nenhum. Seu grande espanto foi ter participado de um culto que durou quase duas horas e em que, uma vez sequer, o nome de Jesus foi pronunciado. Como o irmão é desse tipo “carne de peçoço”, contou o número de vezes em que o nome do Diabo foi pronunciado: 38 vezes. E o quem o derrotava, no culto, não era Jesus, mas o pastor. Meu amigo saiu (ou foi saído) desta igreja e tido como carnal e mundano. Uma questão me parece óbvia: pode haver espiritualidade cristã sem Jesus? Centrada no homem? O pano de fundo deste modelo não é mais a obra de Jesus na cruz, mas sim uma pretensa batalha espiritual, e esta não nos moldes bíblicos, mas mais nos moldes de “Guerra na estrelas”: em lugares geográficos e em luta por espaço físico, e não pela mente das pessoas, como a Bíblia nos mostra. Não

devemos confundir espiritualidade com procedimento litúrgico. Sejam honestos: muito do que acontece num culto é artificial. Dispomo-nos a ser impactados, vestimos nossa melhor roupa, usamos uma fraseologia que não usamos habitualmente, dizemos que amamos pessoas cujos nomes desconhecemos. Se pensarmos em espiritualidade como algo restringido a este momento, ela será uma espiritualidade de momento e de local.

- (2) Espiritualidade não é pieguice. Valendo-me de um termo menos clássico e mais coloquial, espiritualidade não é melosidade. Não é aquela voz adocicada e aqueles gestos ensaiados que impressionam ao incauto, mas que, sabemos, não correspondem ao caráter da pessoa. Em quase todas as igrejas há aquele irmão que chega com uma “fala mansa”, que quer impressionar (até anda com os ombros curvados), mas é maldoso, fofoqueiro, trama contra os outros, ambiciona poder e é autoritário, quando não mesmo nutrido de arrogância espiritual. E há um ponto a considerar: exibir espiritualidade é o caminho mais rápido para a ascensão eclesiástica. Há muita gente carente, emocionalmente falando, em nossas igrejas. Aspira à liderança, não por amor a Cristo, mas por necessidade de reconhecimento, julga-se (e precisa que os outros o julguem também) um grande crente. Chamo a isto de *síndrome de Simão, o mago*, aquele cidadão encontrado em Atos 8.9-10, que se presumia “grande personagem”. Espiritualidade é mais caráter que fachada. Não é ar compungido; são atitudes que se mostram inclusive no relacionamento horizontal, com as pessoas, e não apenas no vertical, com Deus. Charles Colson comenta sobre espiritualidade objetiva em um de seus livros, citando Wesley: “*João Wesley argumentava veemente que não pode haver “santidade a não ser a santidade social (...) transformar o cristianismo numa religião solitária é destruí-lo”* ¹. Vejo com muitas reservas o santo místico que não consegue se relacionar com os outros e não sabe viver subordinado a alguém. Santidade e grosseria na mesma pessoa é um estranho. Uma vez, quando eu disse que não jejuava, fui repreendido por um crente (ele não podia perder esta oportunidade). Ele jejuava direto. Respeito quem jejuar. Mas este jejuador direto é mal visto no trabalho, a esposa vive num inferno e já pensou em abandoná-lo e só não o fez porque irmãos que não jejuam direto a confortaram, oraram por ela, e a aconselharam a suportar o sofrimento conjugal. Uma pessoa espiritual é uma pessoa tratável, de relacionamentos sadios.
- (3) Espiritualidade não é um meio para se chegar a um determinado fim. Muita gente pensa em cultivar espiritualidade para ser abençoada por Deus. “Se eu orar mais, se eu ler mais a Bíblia, se eu for mais à igreja, se me dedicar mais às disciplinas espirituais, então obterei sucesso na minha vida espiritual”. Esta mentalidade desvirtua a espiritualidade. Ela se mescla com carreirismo. É como o fariseu da parábola contada por Jesus, cuja espiritualidade era para diferenciá-lo das demais pessoas comuns e elevá-lo sobre elas. O cenário evangélico não mostra ter assimilado a lição de Jesus, de que ser grande é ser pequeno e liderar é servir. Luta-se por poder de mando. Ninguém quer usar a toalha e lavar os pés alheios e enxugá-los, mas muitos almejam o cetro. Nas estruturas denominacionais, busca-se o poder de visibilidade e de mando. Isto torna a pessoa importante para obter indicações para igrejas maiores. Já fui membro de comissão de renovação de juntas. Que sofrimento! Quanta gente pedindo para ser incluída em alguma junta, até mesmo para viajar. Nas igrejas, muitas vezes a luta é por visibilidade, não por serviço em bastidores. Quanto da busca de poder espiritual é por amor a Deus, e quanto é apenas camuflagem da busca por poder humano? Queremos ser espirituais para desfrutar mais da presença de Deus ou para ter respeito pessoal da comunidade? Uma família que brigou com toda a igreja, em uma igreja, ao sair disse: “Que será desta igreja sem nós, agora?”. No primeiro culto sem eles, apareceram mais de 100 caras novas, segundo o pastor. Pessoas que não iam à igreja exatamente por causa da família. Que se julgava muito espiritual. Espiritualidade que não

¹ COLSON, Charles. *O que significa amar a Deus*. Venda Nova: Editora Betânia, 1985, p. 210.

beneficia os demais nem a igreja, mas apenas reivindica espaço, deve ser vista com reservas. Deus não pode ser comprado.

- (4) Espiritualidade não é moeda de troca para impressionar a Deus. Muita santidade é mero legalismo, esquecida da graça e até mesmo desprezando-a. “Eu preciso”, “eu devo”, “eu tenho”, e lá se vai a pessoa se esfalfar em atividades espirituais, algumas perfeitamente dispensáveis, porque pensa que assim Deus se agrada dela. Deus já se agrada de nós em Jesus. Não há nada que façamos que o leve a se desagradar de nós. Poderá se desagradar de nossas atitudes, mas de nós, nunca. Ele nos aceitou em Jesus. Tomou-nos como seus filhos e ninguém poderá nos arrancar de suas mãos (Jo 10.28). Não é o nosso mérito. É o mérito de Jesus. Ele, o Pai, nos conhece, sabe quem somos, e se somos obreiros, nós o somos porque ele nos chamou. Cabem aqui as palavras de Paulo em 2Coríntios 4.7: “Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós”². O mérito é de Deus, nunca nosso. Evidentemente, isto não significa que podemos relaxar, descurar de nossa vida e viver na gandaia. De forma alguma. Significa que a espiritualidade não deve ter como motivação o trazer Deus para nosso lado, para ser nosso amigo. Ele já é mais que amigo. É nosso Pai. Neste caso, a espiritualidade é por gratidão e por amor. Deus deve ser buscado pelo que é e não por aquilo que pode nos dar. Conta-se a história de uma mulher tida como louca, que carregava um archote em uma das mãos, e um balde d’água em outra. E dizia que com aquela água queria apagar o fogo do inferno, e com aquele fogo, incendiar os céus. Quando riam de sua falta de juízo, ela dizia que era para Deus fosse amado e não temido. De louca ela nada tinha. E uma lição: Deus não precisa ser apaziguado. A cruz solucionou o problema da ira de Deus com o pecado.
- (5) Espiritualidade não é atitude de consumo para impressionar os liderados. Este é o aspecto horizontal dos dois tópicos anteriores. Aqueles foram o aspecto vertical. Os três têm o mesmo significado: espiritualidade para consumo externo. Há gente que imposta a voz, que a adorna com tremeliques, que exhibe gestos teatrais. Faz questão de alardear como ora e quando jejua. As seguintes palavras de Jesus mostram que a espiritualidade deve ser direcionada para Deus e não para os homens: “Ao jejuar, arrume o cabelo e lave o rosto, para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu Pai, que vê em secreto. E seu Pai, que vê em secreto, o recompensará.” (Mt 6.17-18). Diga-se de passagem que os liderados mais maduros sabem quando o líder está sendo natural e quando está sendo artificial. O líder de espiritualidade artificial, com o tempo, deixa de impressionar e perde espaço. E isto quando Deus não o derruba. O líder de espiritualidade autêntica, com o tempo, agrega ao redor de si. E permanece. Não me impressiona com espiritualidade exuberante que surge de repente. Quando vejo uma pessoa transbordando espiritualidade por todos os poros, procuro por sua família, para ver como seu cônjuge e seus filhos são. Uma vez cancelei uma série de conferências com um pregador que dispunha de uma excelente máquina marqueteira, tipo das de Duda Mendonça. Ele espancava a esposa. Isto a publicidade não conseguia disfarçar, pois as marcas no corpo da coitada permaneciam. E os boletins de ocorrência na delegacia confirmavam. Com o tempo, a espiritualidade de consumo externo produz resultados negativos no ambiente interno. Os resultados negativos são o melhor fio de prumo. Porque são a consequência. E têm um preço. Os que convivem de perto com o hipócrita descrevem do que ele prega.
- (6) Espiritualidade não é algo a ser buscado por obrigação. Já houve dias em que não tive tempo de orar pela manhã. Acordei com telefone tocando para atender problemas difíceis. E estava tão cansado que se fosse orar, à noite, dormiria. Começaria a orar e, como em outras vezes, as imagens do dia viriam à mente. Isto se não acabasse dormindo ajoelhado ou sentado. Em situações assim pode bater aquela sensação de culpa. Afinal, deixamos de

² A transcrição bíblica será sempre da Nova Versão Internacional, NVI.

cumprir uma obrigação com Deus. Se pensarmos em espiritualidade como sendo meros atos devocionais, isto nos trará grandes problemas. Não devemos entender desta maneira. E também não devemos vê-la como se fosse uma obrigação que nos é imposta. A beleza dos relacionamentos está na sua espontaneidade e na vontade de mantê-los. Lembro-me de ter ouvido uma palestra para casais em que a preleitora falou das relações sexuais como sendo “dever conjugal”. Que expressão infeliz! Fiquei pensando: “Deve ser muito ruim para ela, para ela ver como um dever”. O relacionamento com Deus, da mesma maneira, não deve ser visto como se fosse uma obrigação, mas como se fosse uma alegria. É celebração. Obrigação pode se tornar enfado. Celebração traz satisfação. Obrigação se cumpre. Celebração se procura. É festa e não dever.

- (7) Espiritualidade não é uma série de atitudes episódicas, como orar, ler a Bíblia, cantar um hino ou ouvir músicas evangélicas. Estas coisas são boas, e devem ser cultivadas, mas elas não são a essência da espiritualidade. Espiritualidade não pode ser restringida a momentos ou a situações. Conta-se de um homem de Deus que os colegas admiravam pela vitalidade do seu relacionamento com o Senhor. Dois colegas deitaram debaixo de sua cama para ver como seria sua oração. Esperavam algo fantástico, assombroso mesmo! Como estava muito cansado, o homem de Deus apenas murmurou: “Bem, Deus, foi um bom dia hoje. O Senhor foi muito bom comigo. Obrigado e até amanhã”. Os colegas ficaram surpresos e o interpelaram pela manhã, ensejando-lhe a oportunidade de corrigir-lhe o equívoco: espiritualidade não se mensura por um momento de oração. A espiritualidade dentro do templo, divorciada da vida real, sempre me soou hipócrita. Da mesma forma a espiritualidade apenas no púlpito ou nas palestras a serem feitas. Ela não é pontilhar, momentânea. É linear, constante. É mais uma atitude, como comentaremos depois, que um evento. E não são atitudes, mas um estilo de vida.

3. O QUE ENTENDO POR ESPIRITUALIDADE

Bem, apresentar aspectos negativos é bem mais fácil que afirmar. A questão agora é afirmar. Que é espiritualidade? E como vivenciá-la? Por vezes fazemos apresentações idealistas e pouco práticas. Como praticar a espiritualidade, em nosso tempo, agitado, dinâmico, de massificação de informações levianas e até demoníacas? Lemos livros de pessoas em lugares diferentes e em culturas diferentes, com personalidades diferentes, e somos impelidos a copiá-los. Li bastante dos puritanos e dos pietistas, admirei-me da sua espiritualidade, mas o tempo deles era razoavelmente plácido. Numa ocasião, preguei de manhã em um estado, e à noite em outro. Naquele tempo, levaria meses, a cavalo. Nossa época é agitada, dinâmica, cheia de atividades e temos tempo escasso. Nem sempre podemos tirar tempo para reflexão e oração. Nossos dias de trabalho, por vezes, têm 15 ou até mais horas. Nossa época é pós-cristã, quando os valores cristãos são duramente contestados pela sociedade. Em nosso tempo, ser manso é ser frouxo. Perdoar é coisa de otário. O que vale é “bateu, levou”. Esse negócio de não ajuntar tesouros na terra e sim nos céus, não funciona. Há grupos evangélicos que formaram autênticos impérios econômicos e nós, batistas, estamos marcando passo. O mundo é um vasto Coliseu e aprendemos da história que os cristãos sempre perdiam no Coliseu e os leões é que venciam. É melhor ser leão que cristão.

Levei um choque quando cheguei a uma cidade no Canadá e vi uma placa à porta da Igreja: “*Come in and pray for rain*” (“Entre e ore por chuva”). Era uma época de seca e os irmãos canadenses estavam orando por chuva. Meu primeiro registro mental foi: “Pode-se produzir chuva bombardeando as nuvens com nitrato de prata”. Eu, um terceiromundista, sabia disso e eles, primeiromundistas, não sabiam? Então cai em mim: “Gente, estou banindo Deus do mundo físico!”. Como ser espiritual em tempos assim, quando nossa própria mente nos trai? Temos uma formação na igreja e recebemos outra, que nos molda, fora da igreja.

- (1) Como ponto de partida, precisamos entender que espiritualidade deve ser uma atitude autêntica, sem um outro alvo que não seja apenas a comunhão com Deus pelo prazer da

comunhão com Deus. A busca por Deus deve ter Deus como motivação e como finalidade da busca. Lembremos desta palavra de Jesus: “A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos” (Jo 6.26). Gente que procurava por Jesus para ter suas necessidades satisfeitas. Que fé mesquinha, a que só busca a Deus para que este atenda os interesses pessoais de quem o busca! Em contrapartida temos a palavra de Jó: “Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele” (Jó 13.15). Esta é a fé verdadeira, a espiritualidade autêntica, a que se expressa não por motivo secundário, mas pela busca de Deus. É motivada pelo amor. No dia 19 de dezembro publiquei uma pastoral de boletim com o título “E Deus não ajudou o Guarani”, quando o Bugre, como o Guarani é chamado, foi rebaixado para a segunda divisão do futebol brasileiro. Dele extraio este trecho: “A religião cristã não é mais uma maneira de conseguir as coisas de Deus. É amar a Deus acima de tudo, pois este é o primeiro mandamento: ‘Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? Respondeu Jesus: Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento’ (Mt 22.36-38). Deus deve ser amado pelo que é, deve ser buscado pelo que é, nunca pelo que pode nos dar, ou pelo que julgamos que ele deve nos dar”³. Espiritualidade deve ser cultivada por amor a Deus, e não porque queremos bênçãos ou porque somos líderes. É porque somos crentes em Jesus Cristo, regenerados, lavados no seu sangue. Devemos amar a Cristo. Uma senhora da minha igreja, batizada há um ano, me disse um dia desses: “Pastor, no meu coração não cabe tanto amor por Jesus”. Fiquei muito impressionado, mas até um pouco frustrado. Isto deveria ser dito pelo pastor dela, eu. Porque isto é o que produz a verdadeira espiritualidade, o amor ao Senhor.

- (2) Precisamos compreender também que espiritualidade é uma aspiração natural da alma do regenerado. Não é por ser pastor que devo cultivar a espiritualidade, mas por ser um regenerado. “Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco intensamente; a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água”, disse o salmista (Sl 63.1-2). A alma piedosa tem anseios espirituais profundos, que nunca se saciam. A verdadeira espiritualidade se expressa em forma de um profundo desejo de Deus, e nunca por obrigação. Deve ser um anseio natural do coração do regenerado. Sentimos fome, sentimos sede e também outras necessidades naturais. Um regenerado devia sentir isto como natural, a fome e a sede de Deus. Esta é uma questão que me intriga. Vejo gente, inclusive obreiros, mais fascinada por Marx, Freud, Comte, Piaget, Weber, do que por Jesus. Até interpretam Jesus por estes, ao invés de analisá-los por Jesus. Vejo jovens mais empolgados com Cazuza, com KLB, Roupas Nova, Kelly Key, do que por Jesus. Há pastores falando mais de George Bush e Lula do que de Jesus. Como pode ser isto? Cabe aqui uma palavra especial aos que exercem liderança no reino de Deus. Os líderes precisam cultivar espiritualidade. Quando nós mesmos não buscamos nutrir nossa espiritualidade prejudicamos não apenas a nós, mas ao nosso rebanho. No excelente livro *Se eu começasse meu ministério de novo...*, Drescher tem um capítulo em que alista sete declarações de Deus à liderança religiosa de Jerusalém. Cito-o aqui: “A primeira das sete declarações feitas aos pastores no livro de Jeremias é uma queixa: Os sacerdotes não disseram: ‘Onde está o Senhor?’ e os que tratavam da lei não me conheceram (Jr 2.8). O resultado foi que o povo cometeu dois males: deixaram o Senhor, ‘o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas’ (Jr 2.13)”⁴. Quando a liderança não busca a Deus, o povo não é alimentado e se desvia. Por isso, também, o líder precisa ter fome e sede de

³ Boletim da Igreja Batista do Cambuí, 19.12.4

⁴ DRESCHER, John. *Se eu começasse meu ministério de novo...* Campinas: Editora Cristã Unida, 1997, p. 20.

Deus. Só assim poderá alimentar o povo. Se ele se alimenta errado, os liderados se alimentarão erradamente. Se Jesus não é seu foco, não será o dos liderados.

- (3) Espiritualidade deve ser entendida com a compreensão de que há um absoluto chamado Jesus, em nossa vida. Somos cristãos, e temos que partir deste ponto. A paixão maior de nossa vida deve ser Jesus Cristo. É fácil amar prédios, regulamentos e uma carreira, mas somos chamados a seguir e a amar Jesus Cristo. Examinei vários livros para refletir sobre questão da espiritualidade, para confeccionar uma palestra sobre este tema, para pastores. Li alguns livros como o já citado de Drescher e outros como *De pastor para pastor* (Erwin Lutzer, Editora Vida), *Despertando para um grande ministério – um livro de pastor para pastor* (London Jr. e Wiseman, Editora Mundo Cristão), *O pastor aprovado* (Baxter, PES), *Recomendações aos jovens teólogos e pastores* (Thielicke, Sepal). Eles falam de amar e honrar a vocação, de amar a igreja, amar o rebanho. Nem um deles tem um capítulo sobre a paixão por Jesus, por esta fantástica pessoa, o absoluto de nossa fé. Por incrível que pareça, foi no livro de um teólogo católico, que vive às turras com a Igreja Católica, e com quem não nutro outra afinidade, que encontrei um capítulo sobre o fascínio de Jesus. O livro é *Por que ser cristão ainda hoje?*, de Hans Küng⁵. Vou me repetir, mas é necessário: já manifestei muitas vezes meu assombro com o fato de que Jesus desapareceu de nossos corinhos (presentemente chamados de “louvor” na nova semântica evangélica), em muitas pregações, e sua cruz desapareceu de igrejas, substituída pela *menorah* e pela estrela de Davi, que não é de Davi, e que, com muita probabilidade, Davi nem tenha conhecido. Mas a espiritualidade não pode ser reduzida ao nível de sensações e de êxtases, esquecendo-nos de que Jesus é o autor e consumidor da fé, Senhor da Igreja, Senhor da nossa vida, Senhor do nosso ministério, Senhor de tudo o que temos e somos. Fui o orador em uma formatura teológica, em 2004, no Seminário da Igreja do Nazareno, em Campinas, e pronunciei, no discurso a expressão a seguir: *“Parece irônico ou surrealista, mas o grande problema dos cristãos contemporâneos é o que fazer com Cristo. Quando a Igreja Católica emite seus conceitos, fá-lo baseada na sua autoridade, nos seus teólogos, na sua estrutura de pensamento. É difícil ver uma referência a Jesus nas suas declarações. Da mesma forma sucede com os evangélicos. Quão pouco se prega sobre Cristo! Sua figura está esmaecida no cristianismo atual. Constantemente me refiro a este ponto: o choque que tive ao entrar em uma livraria evangélica, procurando um livro sobre cristologia, e não encontrar um, um sequer. Mas encontrei quarenta e dois sobre Satanás, maldições, sobre guerra contra o inimigo, batalha espiritual, arrancar a cidade das garras do Diabo, etc. A igreja evangélica contemporânea fez de Satanás o grande astro do momento e a sua principal preocupação. Temos uma incongruência: demônios fortes e um Cristo fraco. Um Cristo que é incapaz de libertar a pessoa, que é salva por ele, mas fica presa de maldição de nomes, de palavras, de vudus, e que precisa da reza forte de um caboclo evangélico. E o Cristo do Novo Testamento, poderoso, que acalmava tempestades, curava cegos, paralíticos, sobrepunha-se a demônios, o que foi feito dele? Onde está Cristo? Quantas mensagens, nos últimos tempos, você ouviu que se centrasse na pessoa, no caráter e na obra de Jesus? Quantas você pregou, exclusivamente sobre a pessoa do bendito Salvador?”*⁶. Necessitamos de uma cosmovisão centrada na pessoa de Jesus para não nos desequilibrarmos. Ministério não é profissão, e é mais que vocação. É um ato de amor para com Jesus. É um desejo de engrandecer seu nome. Está fadado ao fracasso o ministério que visa glorificar o ministro. Pode iludir alguns, mas a mão de Deus pesará sobre ele. Jesus deve ser o absoluto. Da mesma forma, toda a vida cristã é um relacionamento com Jesus. A

⁵ KÜNG, Hans. *Por que ainda ser cristão hoje?*. Campinas: Verus Editora, 2004. O capítulo citado tem o título do livro e termina falando da necessidade de imitar a Jesus Cristo.

⁶ “O perfil do obreiro de Deus necessário para os tempos de hoje”, Discurso apresentado aos formandos da Faculdade Teológica Nazarena, Campinas, 4 de dezembro de 2004

verdadeira espiritualidade deve ser vista como o título do famoso livro de Tomas à Kempis: *Imitação de Cristo*. É buscar ter o caráter de Cristo. Como bem sintetizou Paulo: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Co 11.1).

- (4) Espiritualidade deve ser compreendida como uma postura assumida na vida. Podemos, sem violência aos termos, identificar “espiritualidade” com “piedade”. Na linha que venho seguindo neste trabalho são sinônimos. E assim posso empregar um pensamento de Packer, extraído de sua obra *Religião Vida Mansa*: “*O que é a piedade essencialmente? Eis a resposta: É a qualidade de vida que existe naqueles que buscam glorificar a Deus. O homem piedoso não faz objeção ao pensamento de que sua maior vocação é ser um meio para a glória de Deus. Ao contrário, ele percebe isso como fonte de grande satisfação e contentamento (...) O desejo mais precioso do homem espiritual é exaltar Deus com tudo o que ele é em tudo que ele faz. Ele segue os passos de Jesus seu Senhor, que afirmou a seu Pai no final de sua vida aqui: ‘Eu te glorifiquei na terra’ (Jo 17.4), e que disse aos judeus: ‘Honro a meu Pai...não procuro a minha própria glória’ (Jo 8.49). O evangelista George Whitefield pensava a respeito de si desta maneira, quando disse: ‘Que o nome de Whitefield pereça, desde que Deus seja glorificado’*”⁷. É esta postura a ser assumida: mais Deus e menos nós. Hoje há uma doença que grassa no cenário evangélico e que John Stott chama de “holofotite”. Outra pessoa chamou de “importantite”. Muita gente se põe sob holofotes. Espiritualidade é ver-se como servo, como um instrumento, e buscar sempre a glória de Deus e nunca a nossa. Deus não existe para nos tornar felizes. Nós existimos para glorificá-lo.
- (5) A verdadeira espiritualidade demanda uma compreensão correta dos atributos de Deus. Não enveredarei por discussão teológica, distinguindo e analisando os atributos naturais e morais. Todos são profundos, e quando são corretamente compreendidos, têm impacto na nossa vida. Vou me centrar em apenas um dos seus atributos naturais, a onipresença. Ela não significa que Deus está em todos os lugares, como se pensa. Ele não está numa lata de lixo ou em meia garrafa de refrigerante que está fechada. Não sejamos panteístas, confundindo Deus com o ar ou com o espaço. Onipresença significa que o espaço não existe para Deus em termos de limitá-lo. Significa que ele está onde é invocado (Jonas o encontrou no ventre de um peixe, e Isaías, num templo). Aqui me vem a lembrança feita por um teólogo contemporâneo de que se compreendermos corretamente a onipresença de Deus, toda a terra se tornaria um templo. Seríamos espirituais em todos os lugares. Espiritualidade não deve se manifestar no culto ou quando vestimos a indumentária clerical ou a “roupa de ver Deus”. É uma atitude diante do Sagrado e do Divino. Se entendermos espiritualidade como ter consciência da presença de Deus e reagir a ela, não teremos uma espiritualidade cúlrica ou profissional, mas constante. O temor de Deus estará presente em nossa vida.

4. ALGUNS MODELOS DE ESPIRITUALIDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

Seguindo nesta linha de raciocínio, apresento agora alguns modelos de espiritualidade no Antigo Testamento. Muitos são os nomes possíveis de serem alistados, mas me limitarei a quatro e justificarei, na argumentação, o porquê desses quatro. Eles mostram aspectos diferentes, que se complementam.

(1) *O primeiro é Enoque*. Uma síntese de sua vida está em Gênesis 5.24: “Enoque andou com Deus; e já não foi encontrado, pois Deus o havia arrebatado”. É a expressão “andou” que interessa. O tradutor Chouraqui verteu como “seguiu”, e fez a seguinte observação: “*O verbo tem a forma hitpa’el, que seria necessário poder traduzir por uma forma pronominal ausente de nossa língua; este seguir é muito interiorizado*”⁸. Datler, outro estudioso do

⁷ PACKER, J. I. *Religião vida mansa*. S. Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 41.

⁸ CHOURAQUI, André. *A Bíblia – no princípio (Gênesis)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 78

texto de Gênesis, assim afirma: “A forma verbal hebraica implica um proceder moral, em justiça, e observância de leis, em grau mais acentuado do que todos os seus antecessores e posteriores”⁹. Enoque é um homem que desejou ser diferente, ter mais de relacionamento com Deus que os outros. Não se conformou com o padrão dos outros. É modelo de espiritualidade contemporânea, que nos vem da antigüidade, nos primórdios da humanidade. É um homem que anda com Deus. Nas observações dos dois hebraístas citados, não é andar fisicamente. Não é isto que o texto de Gênesis ensina. Mas sim que sua conduta mostrava um homem andando na presença do Senhor. Muitos queremos que Deus ande conosco, ou seja, que ele nos acompanhe por onde andarmos. Aqui está um homem que segue com Deus. Ele nos ensina que espiritualidade é caminhar com Deus, é proceder em moral, em justiça e observância de leis (obediência). A morte é mostrada no Gênesis como conseqüência do pecado. Enoque vive de maneira que as conseqüências do pecado, a morte, não têm efeito sobre ele. É o homem que sobrepuja o pecado. Isto é espiritualidade. Viver de uma maneira que o pecado não tem domínio sobre a pessoa.

- (1) *O segundo é Abraão*. Uso o texto de Gênesis 17.1 que bem expressa a exigência de Deus a este homem, exigência que ele atendeu: “Quando Abrão estava com noventa e nove anos de idade o SENHOR lhe apareceu e disse: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso; ande segundo a minha vontade e seja íntegro”. Temos, de novo, o verbo “andar”. É *hallaq*, que assumiu a forma de *halaká*, que é o termo empregado para designar o código moral hebraico. A idéia é de uma caminhada correta, que acaba se tornando um padrão. Muito se pode dizer sobre Abraão, mas o que mais me impressiona nele não suas riquezas, como o neopentecostalismo acentua, mas duas construções que ele levantava aonde chegava: altar e tendas. Altar, de pedras, para Deus; tendas, de peles, para ele. Para Deus o seguro, o duradouro, o indestrutível. Para ele, o passageiro. Ele é o primeiro homem chamado de “hebreu” (Gn 14.13). Deriva do verbo *‘abar*, “passar através”. Ele era um peregrino. Deus era eterno. Espiritualidade passa por aqui, pela consciência de nossa transitoriedade e da eternidade do Deus com quem lidamos. Além disto, a obediência marca a vida de Abraão. O autor de Hebreus, ao iniciar sua fala sobre Abraão, diz: “quando chamado, obedeceu” (Hb 11.8). Uma vida espiritual é uma vida de obediência ao Senhor, de conformidade com sua Palavra. Muitos têm procurado espiritualidade através de êxtases, experiências sensoriais e práticas litúrgicas. Ela é obediência. Lemos em 1Samuel 15.22: “Samuel, porém, respondeu: “Acaso tem o SENHOR tanto prazer em holocaustos e em sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? A obediência é melhor do que o sacrifício, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros”. O sacrifício era a forma mais sublime de culto no Antigo Testamento e eis que um sacerdote diz que Deus prefere obediência a culto. E Abraão nos ensina que espiritualidade é dar prioridade a Deus. Exemplificou isto muito bem na exigência absurda que Deus lhe fez de sacrificar o seu filho. Poderia ser absurdo, mas era pedido divino.
- (2) *O terceiro é Davi*. Deus o chamou de “o homem segundo o meu coração” (At 13.22). Tenho observado que em muitos escritos sobre Davi o que mais se enfatiza são seus erros. Não vamos varrê-los para baixo do tapete. Eles aconteceram. Mas há um ponto a se ressaltar: pecou, mas se arrependeu. Os salmos 51 e 32 mostram sua atitude de quebrantamento após a acusação que lhe foi feita por Natã. Espiritualidade não é nunca pecar. É saber se arrepender quando pecar. A polêmica de Agostinho com o pelagianismo nos elucida neste ponto. Pelágio e seus seguidores achavam que o cristão não pecava (a idéia de impecabilidade dos salvos já vem de longa data – os gnósticos combatidos por João e Judas já a defendiam). Seu lema era *não posso pecar*. Agostinho rebateu dizendo que não era assim. O correto é *posso não pecar*. Podemos ter vitória sobre o pecado. Mas dificilmente *sempre* teremos vitória sobre o pecado. E é bom que assim suceda. Se não

⁹ DATLER, Frederico. *Gênesis*. S. Paulo: Paulinas, 1984, p. 70.

pecássemos não precisaríamos da graça. Seríamos perfeitos. E graça é para pecadores. Cabem aqui as palavras de João: “Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Se, porém, alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1Jo 2.1). Ele exorta seus destinatários a viverem uma vida vitoriosa, mas como nem sempre conseguirão, lembra-lhes que Jesus é nosso intercessor, ou, como diz o texto grego nosso *parácleton* junto ao Pai. Voltando a Davi, ele nos ensina que espiritualidade é saber se ver como pecador, aceitar que errou, chorar, confessar. É estranha a espiritualidade que não fala de pecado, de perdão, de quebrantamento, e só fala de triunfo. É preciso saber confessar e pedir perdão. Aprendemos que espiritualidade é reconhecer-se como pecador e pedir perdão a Deus.

- (3) *O quarto é Esdras*. Este é um personagem que me encanta. Surge na Bíblia sob uma apresentação seca: “vivia um homem chamado Esdras” (Ed 7.1). Em Esdras 7.6 temos o primeiro vislumbre do seu caráter: “Este Esdras veio da Babilônia. Era um escriba que conhecia muito a Lei de Moisés dada pelo SENHOR, o Deus de Israel. O rei lhe concedera tudo o que ele tinha pedido, pois a mão do SENHOR, o seu Deus, estava sobre ele”. Um homem que conhecia as Escrituras, e sobre quem a mão de Deus repousava. Era um estudioso das Escrituras e a ensinava ao povo. Estudava para ensinar (não dependia do “gogó” de orador ou da “lábria” de pregador). Diz 7.10: “Pois Esdras tinha decidido dedicar-se a estudar a Lei do SENHOR e a praticá-la, e a ensinar os seus decretos e mandamentos aos israelitas”. Mas o que mais me impressiona nele é sua oração no capítulo 9. Repetidamente a tenho lido para aprender dele. Foi o povo quem pecou, não ele. Ele era pecador, mas aquele pecado (“práticas repugnantes”, em Ed 9.1) ele não cometera. No entanto, em sua oração ele não acusa os irmãos. É uma oração comovente (Ed 9.5-15). Leiam-na com coração aberto e verão que caráter este homem possuía. Em momento algum ele usa “eu” e “eles”, no estilo de “*eu* estou intercedendo por *eles*”. Ele sempre usa “nós”. Ele se identifica com o povo. Ele vê o pecado deles como pecado dele. Espiritualidade não é farisaísmo. Tenho visto tantos santos arrogantes! Aliás, algo que me desconcerta é que em quase 34 anos de ministério pastoral, as pessoas mais problemáticas que encontrei na igreja são as “santas”. Não consigo entender como alguém tem uma experiência mais profunda com Deus ou com o Espírito Santo (na mente de alguns, o Espírito é mais Deus que o Pai e o Filho e só se revela aos especiais de Deus, é o grau 33 da espiritualidade) e se torna insuportável. Há santos que são criaturas humanas horrorosas! Há santos que, quando entram em meu gabinete, fico feliz. Sei que serei edificado e que crescerei. Há santos que quando entram, me encolho. Sei que vou tomar bordoadas. Devemos fugir deste equívoco, o de olhar os que caem com desdém e dureza. Espiritualidade não é crueldade. Uma pessoa espiritual será misericordiosa, amorosa, compassiva com os que caem. Esdras ensina que espiritualidade exige empatia com os pecadores. Se ela nos aproxima de Deus e nos afasta do pecado, não nos afasta dos pecadores. Leva-nos à oração intercessória. Mais que intercessória, uma oração “identificatória”. Este é o maior traço da espiritualidade de Esdras. A pessoa espiritual tem uma postura de misericórdia e de intercessão. É um dos traços de Jesus, segundo a profecia: “e pelos transgressores intercedeu” (Is 53.12). A verdadeira espiritualidade não leva a tripudiar sobre os mais fracos. Leva a interceder e chorar por eles.

Agora, uma síntese dos traços destes quatro personagens: andar segundo a vontade de Deus (Enoque e Abraão), priorizar a Deus (Abraão), ver seus pecados e saber se arrepender, clamando por perdão (Davi) e nunca se colocar como mais espiritual e crítico da vida alheia, mas como intercessor (Esdras). Nossa espiritualidade exhibe estes traços?

5. ALGUNS MODELOS NO NOVO TESTAMENTO

Tendo visto alguns modelos no Antigo Testamento, vejamos alguns no Novo. Não vou citar Jesus. Seria peso muito grande. Também analisaremos quatro personagens e veremos em que eles nos ajudam. Da mesma forma, veremos como os aspectos se completam.

- (1) *O primeiro é José.* Não é o pai de Jesus, mas outro José. Não o conhecemos pelo nome, mas pelo apelido. Ele surge em Atos 4.36: “José, um levita de Chipre a quem os apóstolos deram o nome de Barnabé, que significa ‘encorajador’”. Outras versões trazem “consolador” e outra, “filho da consolação”. Ele se tornou conhecido na Igreja pelo apelido, que retratava seu caráter. Mais uma vez, vemos a associação entre espiritualidade e relacionamento horizontal, com os irmãos. É muito fácil ter amor à obra, ter amor a cargos, ter amor à importância que damos a nós mesmo do que nos preocuparmos com pessoas. Ele vendeu um terreno e, confiadamente, entregou o valor à liderança da Igreja. Espiritualidade não busca proeminência e se preocupa com os necessitados. Muitos hoje medem a espiritualidade pelas bênçãos materiais recebidas, ou seja, por quanto a pessoa ganha. Há os que buscam o evangelho para enriquecer, para se tornarem empresários e resolverem seus problemas materiais. Uma espiritualidade hedonista, o que é um absoluto contra-senso. Com José, apelidado de Barnabé, vemos uma espiritualidade que dá. Que, ao invés de procurar ser abençoado, busca ser bênção. Qual espiritualidade exibimos, a da sanguessuga, bem retratada por Agur: “Duas filhas tem a sanguessuga. ‘Dê! Dê!’, gritam elas” (Pv 30.15), ou a de Barnabé? E quando damos, damos com o espírito de Barnabé ou com o de Ananias e Safira, por exibicionismo? Mais uma vez volto a este ponto: espiritualidade não é teatralidade. E não é mero intimismo no relacionamento com Deus. Tem efeitos positivos sobre a vida dos irmãos. Há um tipo de “espiritualidade” que destrói a igreja. Mas a verdadeira espiritualidade edifica o corpo de Cristo. Mais tarde, Barnabé se tornou o avalista de Paulo junto à comunidade cristã ressabiada com o novo convertido: “Então Barnabé o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara, e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus” (At 9.27). Aos pastores, isto nos adverte. Mas não é um pecado apenas nosso e também de muitos líderes na igreja. Então serve para todos. Por vezes, líderes vivem em disputa por espaço e por notoriedade. O colega de ministério é visto como se fosse um rival. O outro líder é um competidor e não um colega no serviço a Deus. Lutzer conta o que lhe disse um pastor auxiliar em uma igreja, que o pastor titular via como uma ameaça: “Nada o agradaria mais que a minha queda”¹⁰. Não deve ser assim. A verdadeira espiritualidade busca o bem estar alheio e beneficia as pessoas próximas. Não vive em competição porque não precisa provar nada a ninguém, a não ser a Deus.
- (2) *O segundo é Estêvão.* Ele surge em Atos 6.5, mas é em 6.8 que começa a se delinear seu caráter: “Estêvão, homem cheio da graça e do poder de Deus, realizava grandes maravilhas e sinais entre o povo”. Um homem cheio da graça (não de graça, mas da graça) e do poder de Deus. A autoridade espiritual sempre aparece na vida da pessoa que cultiva a espiritualidade. Ela não precisa dizer isto a seu respeito. As pessoas notam. A espiritualidade autêntica não se exhibe ostensivamente. Ela aparece espontaneamente e é notada. Não carece de trombetas. Em Atos 6.10 lemos que ele era um homem sábio e cheio do Espírito. É muito boa esta ligação entre cheio do Espírito e sabedoria. Uma vida cheia do Espírito não é insensata. É um outro aspecto que me intriga, ver como pessoas autoalegadamente cheias do Espírito sejam tão carentes de sabedoria. E esta espiritualidade de Estêvão não era para manifestação interna. Era para testemunho. Sempre entendi isto, que uma vida espiritual, cheia do Espírito, tornará isto evidente no testemunho aos de fora. A verdadeira espiritualidade é aquela que testemunha da fé, proclama o nome de Jesus não

¹⁰ LUTZER, Erwin. *De pastor para pastor*. S. Paulo: Vida, 2000, p. 21.

apenas com ousadia, mas com autoridade. Mas o que impressiona mais que tudo na vida de Estêvão foi o testemunho que seus opositores deram dele: “Olhando para ele, todos os que estavam sentados no Sinédrio viram que o seu rosto parecia o rosto de um anjo” (At 6.15). Isto não é romantismo, é realidade. O interior de uma pessoa aparece em seu rosto. Há crentes zangados, emburrados, alguns até com cara de buldogue, mas não com rosto de anjo. O mundo deve ver a autêntica espiritualidade em nossa vida. Deve ver em atos, na sabedoria com que agimos, e até mesmo no nosso semblante. Temos rosto de anjo ou de cão de caça? Nossa vida manifesta a graça de Deus aos irmãos e aos de fora da Igreja?

- (3) *O terceiro é Paulo*. Muitos textos poderiam ser usados a seu respeito, mas empregarei dois, apenas: Gálatas 2.20 (“Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”) e 2Coríntios 11.21-33, o texto onde ele fala dos seus sofrimentos pelo evangelho de Jesus (“Para minha vergonha, admito que fomos fracos demais para isso! Naquilo em que todos os outros se atrevem a gloriar-se - falo como insensato - eu também me atrevo. São eles hebreus? Eu também. São israelitas? Eu também. São descendentes de Abraão? Eu também. São eles servos de Cristo? - estou fora de mim para falar desta forma - eu ainda mais: trabalhei muito mais, fui encarcerado mais vezes, fui açoitado mais severamente e exposto à morte repetidas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove açoites. Três vezes fui golpeado com varas, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, e perigos dos falsos irmãos. Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, e muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez. Além disso, enfrento diariamente uma pressão interior, a saber, a minha preocupação com todas as igrejas. Quem está fraco, que eu não me sinta fraco? Quem não se escandaliza, que eu não me queime por dentro? Se devo orgulhar-me, que seja nas coisas que mostram a minha fraqueza. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito para sempre, sabe que não estou mentindo. Em Damasco, o governador nomeado pelo rei Aretas mandou que se vigiasse a cidade para me prender. Mas de uma janela na muralha fui baixado numa cesta e escapei das mãos dele”). A espiritualidade de Paulo pode bem compreendida aqui, na sua visão de vida cristã e de serviço cristão. Para ele, seguir a Cristo não era se assenhorar de uma passagem de primeira classe pelo mundo. Era, acima de tudo, identificação com Cristo inclusive no sofrimento. Muitos de nós queremos triunfo, não este processo de cristificação, termo que tomo emprestado de Teilhard de Chardin, mas com sentido diferente do seu. Sobre Paulo, John Stott que ele um homem “intoxicado de Cristo”. E em Gálatas 2.20 ele se declara cristificado. Espiritualidade, e me repito aqui, é identificação com Cristo. Por isto Paulo podia se colocar como modelo para os demais: “Mas você tem seguido de perto o meu ensino, a minha conduta, o meu propósito, a minha fé, a minha paciência, o meu amor, a minha perseverança” (2Tm 3.10). Nós, pastores de mais tempo, somos modelo para pastores iniciantes, para seminaristas, para jovens vocacionados? Como pais, somos modelos que podemos oferecer a nossos filhos? Ninguém é modelo por ocupar alguma função ou por ter uma posição doméstica. É porque é, porque tem autoridade. Há dois tipos de autoridade, a extrínseca e a intrínseca. A primeira vem de fora. Nós a temos porque temos um título, ocupamos um cargo ou desfrutamos de uma posição. A segunda é da pessoa, brota de dentro, produzida pelo seu caráter. A verdadeira espiritualidade fornece esta autoridade. Uma pessoa cristificada tem esta autoridade. E devemos lembrar disto: a verdadeira espiritualidade pode nos trazer sofrimento. E até mesmo sofrimento provocado pelas ovelhas, como Paulo deixa claro no sofrimento que os crentes de Corinto, tão cheios de dons e tão carentes de vida cristã (se puderem me explicar isto, agradeço) lhe infligiram. Os crentes coríntios (do ponto de vista bíblico e não

futebolístico) continuam ativos em nossas igrejas. Aliás, tenho tomado mais bordoadas das ovelhas do que dos incrédulos. Mas o olhar deve ser para Cristo e a necessidade de até mesmo sofrer por ele. Espiritualidade é identificar-se com Cristo e ter capacidade de tomar bordoadas por amor de Cristo.

- (4) *O quarto é João*. O homem que tinha foi apelidado, por Jesus, de “Boanerges”, “filho do trovão”, se tornou o apóstolo do amor, no fim de sua vida. Eis um homem com uma espiritualidade prática, vivencial, que mudou sua vida. Uma espiritualidade que produziu um caráter aperfeiçoado. Quando lemos suas cartas, principalmente a primeira, descobrimos o segredo. Uma das palavras chaves em seu escrito é “permanecer”. Ele a usa por 23 vezes. A outra é “andar”. Aparece dez vezes. Curioso! Permanecer e andar são opostos, mas no pensamento joanino têm um conteúdo espiritual muito próximo. Mas o que significam? Permanecer em quê, onde? Andar para onde, andar como? Para responder, vejamos, por exemplo, 1João 2.6: “Aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou”. Permanecer em Jesus e andar como Jesus. Permanecer em Jesus (2.6 e 2.28), permanecer na luz (2.10), deixar que a Palavra permaneça em nós (2.14), deixar que permaneça em nós o que ouvimos, nossa herança teológica em Cristo (2.24), deixar a unção dele permanecer em nós (2.27). Permanecer em Deus é guardar os seus mandamentos (3.24). Quando amamos nosso irmão, Deus permanece em nós (4.12). A certeza desta permanência é o Espírito dele em nós (4.13). A permanência mútua, nós em Deus e Deus em nós, acontece pelo amor que manifestamos. A questão da espiritualidade se manifestar em relacionamentos é bem forte em João. Ele combate o gnosticismo que ensinava que a verdadeira espiritualidade consistia de conhecer segredos e coisas profundas. Não é. A espiritualidade é simples: amar a Deus, mostrando isto em firmeza e determinação, e amar os irmãos. Assim, permanecemos nele. Assim, andamos nele. Mas, quanto à questão de permanecer, lembremos que Paulo expressara idéia semelhante: “Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu” (2Tm 3.14). Poderíamos sintetizar isto em uma frase: espiritualidade é fidelidade a Deus. Não por estoicismo, mas por amor.

Agora, uma síntese dos traços destes quatro personagens: buscar o bem estar alheio e se confiar nos irmãos (José), mostrar uma vida de autoridade não arrogante, mas serviçal (Estêvão), uma vida em que Cristo cada vez mais seja visto no nosso caráter, inclusive o espírito de serviço do Mestre (Paulo) e permanecer nele e andar com ele, amando os irmãos (João). Nossa espiritualidade exhibe estes traços?

6. COMO DESENVOLVER A ESPIRITUALIDADE

Ditas estas coisas e analisados, mesmo que sucintamente estes personagens, podemos caminhar para um arremate final. Como desenvolver este tipo de espiritualidade?

- (1) *Primeiro, devemos evitar a exclusividade de trilogia: orar, jejuar e ler a Bíblia*. Não é que isto não seja importante, porque é. É muito importante. Mas estas atividades são normais. São até mesmo de subsistência espiritual. Não é que a verdadeira espiritualidade seja anormal. Na realidade, devemos orar, jejuar e ler a Bíblia porque isto é cotidiano cristão. Mas espiritualidade, como tenho procurado mostrar, é mais que atos. É uma atitude tomada na vida. É uma disposição que deve brotar do íntimo da pessoa. É uma visão da vida. Não há valor na oração sem sentimento, como se fosse uma reza. Não há valor no jejum sem sentimento. Será apenas privação de alimentos. A leitura da Bíblia de forma desatenta e simplesmente para se dizer que se leu a Bíblia em um ano pode ser improdutiva. E o pior é quando ela é lida em busca de sermão para os outros. Antes das atividades, deve haver o sentimento, a postura diante de Deus. Esta trilogia significará pouco se não for subsidiada

por uma disposição íntima. É a fome espiritual, fome de Deus, especificamente, que menciono a seguir.

- (2) *Em segundo lugar, é preciso nutrir paixão pela Divindade.* Isto quer dizer ter fome de Deus. Uma pessoa que pretenda espiritualidade nunca se sentirá suficientemente alimentada. Sempre terá fome espiritual. E isto pode ser nutrido de maneira silenciosa. Quando comemos não alardeamos para a vizinhança: “estou almoçando”! Nossa fome de Deus deve ser algo íntimo, interior. Quando é publicada e trombeteada para mostrar como somos espirituais deixa de produzir efeitos. Pensemos no sentido de Mateus 6.17-18: “Ao jejuar, arrume o cabelo e lave o rosto, para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu Pai, que vê em secreto. E seu Pai, que vê em secreto, o recompensará”. A recompensa não é dada aos que publicam seu desejo espiritual. A fome de Deus para impressionar as pessoas recebeu de Jesus esta observação: “Eu lhes digo verdadeiramente que eles já receberam sua plena recompensa” (Mt 6.16). Se o que se deseja é tornar pública a espiritualidade, já se conseguiu. Todos viram. Mas Deus se mostra a quem o busca com fome autêntica e sincera: “Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração” (Jr 29.13). Amar a Deus, ter fome de Deus, buscar a Deus por Deus mesmo. Ter fome de Deus, não de sucesso. Ter fome de Deus, não de suas bênçãos. Querer Deus e não apenas ser abençoado.
- (3) *Em terceiro lugar, é preciso temor de Deus.* O amor não exclui o temor, porque temor, aqui, não é medo. É reverência. Gosto muito de Neemias 5.15, quando ele se justifica porque foi honesto (é impressionante que as pessoas precisem se justificar por serem honestas): “Mas os governantes anteriores, aqueles que me precederam, puseram um peso sobre o povo e tomavam dele quatrocentos e oitenta gramas de prata, além de comida e vinho. Até os seus auxiliares oprimiam o povo. Mas, por temer a Deus, não agi dessa maneira.” O temor de Deus o levou a agir corretamente. Ele era um homem espiritual e isto se evidenciou na sua conduta. Espiritualidade não se prova com arroubo verbal ou gestual, mas com ética. Isto deve nos soar como um alerta. Com muita facilidade, as pessoas que lidam com realidades espirituais se apossam delas, ao invés de se subordinarem a elas. Podemos nos acostumar tanto com Deus e com sua Palavra, que deixemos de ser impactados por ele e por ela. A familiaridade leva a perder o temor. Ficamos tão acostumados que aquelas coisas que elas não mais nos impressionam. Se você é um líder, tome cuidado para não cair na tentação de por-se acima do que pede do povo, porque aquilo lhe é comum. Paulo nunca se deixou dominar pela familiaridade. Seus últimos escritos, que se presumem ser as pastorais, principalmente 2Timóteo, mostram um homem profundamente consciente do impacto de Jesus na sua vida. Espiritualidade sem o temor de Deus não me parece muito consistente. A visão que Isaías teve da glória de Deus produziu nele uma sensação de temor: “Ai de mim!”. Isto marcou sua vida. Ele se viu como pecador, sentiu-se desesperado e alcançou purificação. Isto o capacitou para uma vida de serviço. A verdadeira espiritualidade, produto do temor, impede que o serviço cristão seja mero ativismo e se torna um ato de culto a Deus. Sem o temor de Deus vem a leviandade. Chocame, ainda, ver líderes cristãos fazerem piadas com o nome de Jesus. Recebi uma, pela Internet, com a pessoa colocando termos de baixo calão na boca de Jesus. Era gente de seminário. E quando recriminei, ainda se zangou, dizendo que “a denominação estava podre”. A pessoa blasfemou e ainda endureceu o coração, jogando lama em cima de todo mundo para se justificar. E era empregada da denominação que ela dizia ser podre. Isto é falta do temor de Deus. Jesus merece respeito. Espiritualidade implica em reverência.
- (4) *Por-se sob autoridade.* Este requisito não pode ser esquecido. A espiritualidade autêntica se evidencia em humildade autêntica. Saber trabalhar sob liderança, acatar liderança, saber implementar projetos alheios, não reivindicar posição de mando. Impressiona-me que tanta gente tenha uma experiência com Deus e a partir daí funde seu movimento e se dê a si mesmo algum título superlativo, como apóstolo, arcebispo, primaz, etc... Já há Pai

Apóstolo, e em breve alguém se candidatará ao título de “quarta pessoa da Trindade”. Ninguém se dá o título de servo, de lavador de pés, ou carregador de bagagem. Em nosso tempo, a espiritualidade cristã precisa resgatar a palavra de Jesus, em Mateus 23.11: “O maior entre vocês deverá ser servo”. O termo “servo”, hoje, tem a conotação de nobreza. É tratamento nobiliárquico. “O grande servo de Deus”, por exemplo. Servo não é grande. É servo. Obedece e não manda. Há muita gente que se esquece disto. A espiritualidade contemporânea deve se exhibir em submissão a Deus, submissão à igreja (como há gente que se torna espiritual para dominar a igreja!) e submissão à denominação. Este por-se sob autoridade não significa servilismo, mas sim lealdade e cooperação. Eu me arrependo e me penitencio por ter me afastado da estrutura denominacional, alegando que havia coisas com as quais eu não concordava. Não foi bem isso. Pode ser que eu tenha pensado assim. Mas foi petulância em presumir que só eu sabia como as coisas deviam ser feitas. Não quero liderar, quero cooperar. E nos bastidores. Não quero evidência. Deus trabalhou em minha vida e me ensinou isto. Quem é espiritual sabe se subordinar. Quem queira ser espiritual precisa trabalhar em cooperação. Há muita gente ensinando deslealdade às suas igrejas. E corre o risco de sofrer esta deslealdade que ensinou. Parte de nossa crise institucional brota daqui, da falta de lealdade e de cooperação. Isto acontece porque estamos com um nível de espiritualidade que deixa a desejar. Quando não há espiritualidade, há dificuldades de se implementar relacionamentos sadios e cooperativos. Creio mesmo que muito de nossa crise denominacional é falta de espiritualidade. Há muito individualismo, reflexo do “eu me basto”, de auto-suficiência, atitude que não evidencia espiritualidade. Há luta por poder, por evidência, conflito para saber que posição a pessoa ocupa.

- (5) *O quinto é amar o rebanho ou a função que temos que desempenhar.* Parece que não tem muito a ver com o que estamos tratando ou que isto seja produto da espiritualidade. Mas tem a ver e é também causador de espiritualidade. “Servi ao Senhor com alegria” (Sl 100.2), diz a Bíblia. Nunca se pode servir a Deus por obrigação ou com o coração amargurado. E quando se faz com amor e coração, o relacionamento com Deus anda melhor, a graça flui. Inclusive para nós. “Façam tudo com amor”, disse Paulo (1Co 16.14). Qualquer atividade humana pode ser feita por obrigação, simplesmente por sobrevivência financeira. O serviço cristão só pode ser feito com amor, mesmo que tiremos nosso sustento desta prestação de serviço. Uma pessoa espiritual fará a obra de Deus com amor e com alegria. Mas fazer a obra de Deus com amor e com alegria também produz espiritualidade. Porque traz satisfação espiritual, produz realização, aquela sensação de se estar no lugar certo, envolvido com a causa certa. Um ministro cristão não pode se considerar apenas como um empregado de uma multinacional religiosa ou como um funcionário de Deus. Deve se ver como alguém cujas atividades são um ato de culto. O culto, para a pessoa que procura espiritualidade, não é apenas o cumprimento de uma liturgia. É toda a sua vida. O que faz para Deus não é para mostrar talento a alguém, mas é um ato de culto a Deus. Isto ajuda a manter uma vida espiritual sadia e equilibrada.
- (6) *O sexto é nunca se satisfazer consigo mesmo.* Li um cartaz que dizia: “O primeiro sintoma de morte é estagnação, e o primeiro sintoma de estagnação é estar satisfeito consigo mesmo”. Crescer é fundamental. É exortação bíblica: “Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3.18). Crescer na graça e no conhecimento de Jesus é excelente. Mas devemos crescer em todas as áreas. Há quem cresça espiritualmente e se torna criatura humana horrorosa. Não cresce como gente. São aqueles famosos santos intratáveis. Conta-se de uma igreja que prestou uma homenagem ao seu pastor por ocasião do aniversário deste. Uma senhora foi orar e disse: “Nós te damos graças pela vida do anjo desta igreja”. A esposa do pastor murmurou entre dentes: “É, Senhor, o Senhor sabe o anjo que eu tenho lá em casa!”. Santos na igreja e demônios em casa é algo terrível. Uma pessoa que busque espiritualidade buscará melhorar seus conhecimentos, seu caráter, seu jeito de tratar os outros. Numa igreja em que fui membro,

um irmão dava um testemunho, contando que quando não era crente, quebrou uma garrafa na cabeça de uma pessoa, no bar de uma padaria, porque a pessoa, inadvertidamente, encostou o cigarro no braço de sua filha. Mas, agora, ela era convertida e não fazia mais isso. Quando entramos no carro, meu filho, que era adolescente, comentou: “O irmão Fulano, antes dava garrafada no bar, hoje dá na sessão da igreja”. A pessoa não evoluiu. Não cresceu. Continuava a mesma pessoa violenta. Suas garrafadas agora eram verbais, não mais de vidro. Continuava machucando pessoas. A verdadeira espiritualidade produz introspecção. Aliás, os grandes místicos foram introspectivos, olhando mais para sua vida do que para a vida dos outros. Há um tipo de espiritualidade “casa de correção”, em que o espiritual quer corrigir o mundo. Lembra-me uma frase de Mark Twain: “Muita gente fala em mudar o mundo, mas ninguém quer mudar-se a si mesmo”. Você quer ser espiritual? Procure mudar-se a si mesmo. Busque corrigir seus defeitos, e não os de seus irmãos. Busque crescer. Espiritualidade nunca é demais e nunca se chega a ser espiritual no máximo. Sempre se pode crescer. É a busca de melhora.

CONCLUSÃO

Se me perguntarem: “V. se considera espiritual?”, responderei, sem pestanejar: “Tenho espiritualidade, mas ela é deficiente. Precisa melhorar muito”. E se me perguntarem: “Se você não é modelo, por que deita falação como se fosse modelo?”. Bem, não quero ser modelo. Creio que modelo é alguém que não precisa melhorar. E eu preciso melhorar em muito. E a falação aqui exposta não é no tipo “Façam que vai dar certo”. Aliás, é “escrevinhação”. E é mais nesta linha: “Estou querendo ser melhor e pretendo caminhar nesta direção que aqui aponto”. E se você pode me ajudar a melhorar, ore por mim. Porque, quando melhorar, se puder lhe ser útil, eu o serei com alegria. A vida cristã não consiste em críticas à vida alheia, mas em apoio mútuo. Ajude-me e eu tentarei ajudá-lo. E se crescermos em espiritualidade, o reino de Deus será beneficiado.